

Indisciplina: possível indício de dificuldade de aprendizagem

Kely Aparecida de Oliveira *
Orient.: Sérgio de Freitas Oliveira **

RESUMO

Este artigo trata de um estudo de caso realizado a partir da percepção da indisciplina como indicativo de problemas na aprendizagem. Foi baseado na entrevista com a supervisora pedagógica de uma escola da rede estadual, em Ribeirão das Neves (MG), e na análise de relatório que continha as estratégias utilizadas no desenvolvimento do trabalho de intervenção.

Palavras-chave: Indisciplina; Problemas de aprendizagem.

A supervisora pedagógica, na entrevista, comentou que este caso era apenas um entre tantos vivenciados no cotidiano de uma escola pública. O estudo de caso foi realizado, a princípio, com cinco alunos na faixa etária de 11 a 13 anos, matriculados no 6º ano. Apesar de sua experiência, relatou que foi a primeira vez que atendeu todos os professores se queixando dos mesmos problemas na mesma sala de aula. Diante das queixas, não apenas ela, mas a escola, foi se conscientizando das dificuldades dos professores em trabalhar com alunos com déficit de aprendizagem, dificuldades de leitura e interpretação, e problemas disciplinares na mesma sala de aula, juntamente com outros alunos que não tinham melhor desempenho por influência deles.

Devido à indisponibilidade dos professores para atendê-los de forma exclusiva, a supervisora decidiu reunir esses alunos e fazer com eles um trabalho diferenciado. O objetivo era desenvolver atividades extraclasse, aproveitando algumas horas do tempo escolar para trabalhar a leitura, a escrita e a interpretação em textos sobre valores, ética e educação, pois a maioria deles tinha comportamentos agressivos e antissociais.

Para dar início ao processo, foram realizadas reuniões com os pais desses alunos para informar a sua situação na escola, apresentar a proposta de intervenção, obter outras informações importantes sobre eles e, a partir daí buscar auxílio de outros profissionais.

No início do trabalho extraclasse, a supervisora pedagógica e a professora identificaram que três dos cinco alunos seriam encaminhados para o Projeto Escola em Tempo Integral, pois precisavam de incentivo, sabiam ler e interpretar, mas tinham baixa autoestima e não encontravam prazer no que lhes era ensinado. Tinham “preguiça de ler”, por isso atrapalhavam a atenção e o aprendizado dos outros alunos. A participação desses alunos no Projeto seria uma possibilidade de que o conhecimento fosse produzido para uma transformação de atitude e abertura para o crescimento.

A prática pedagógica adotada se baseou no pensamento de Paulo Freire (1996) de que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção”, e era exatamente o que eles precisavam para se desenvolverem. Consta no relatório que, após duas semanas no Projeto, os alunos se comportavam melhor até nos momentos de refeição, liam e produziam bons textos.

* Graduada em Pedagogia com Ênfase em Ensino Religioso pela PUC Minas e Professora de Ensino Religioso na Rede Estadual de Ensino. E-mail: kelycida@yahoo.com.br

** Licenciado em Letras e em Pedagogia. Professor Adjunto da PUC Minas. E-mail: sergiofoliveira@globocom

Os outros dois alunos, um de 12 e outro de 13 anos, irmãos, após o relatório enviado pela psicopedagoga e o relato dos pais sobre a trajetória escolar deles, ressaltando que o período introdutório foi interrompido algumas vezes devido a problemas familiares, prosseguiram na oficina de leitura organizada pela professora e pela supervisora. Precisavam, realmente, de atividades que propiciassem o letramento e de incentivo ao prazer de aprender através da leitura, da escrita e da interpretação.

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa,

[...] o trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores [...]. Se o objetivo é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais se defrontam, é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendam isso na escola. (BRASIL, 1997).

O trabalho foi desenvolvido com diversos tipos de textos, livros, vídeos nas aulas de português e nas aulas extras com a única professora que se propôs a participar do projeto de intervenção.

Como afirma Soares,

[...] não se ensina a gostar de ler por decreto, ou por imposição, nem se formam letrados por meio de exercícios de leitura e de gramática rigidamente controlados. Para formar indivíduos letrados, a escola tem que desenvolver um trabalho gradual e contínuo. (SOARES, 2005).

O trabalho contribuiu significativamente para a melhoria da aprendizagem e do comportamento dos alunos, pois, a partir das atividades diferenciadas e atrativas por elas propostas, eles passaram a prestar mais atenção em todas as aulas, a participar e começaram a ajudar outros colegas.

Não foi apenas um trabalho de letramento, mas um trabalho de socialização que influenciou positivamente no desenvolvimento cognitivo, psicológico e social daqueles alunos e, conseqüentemente, na melhoria do processo de ensino-aprendizagem da sala de aula da qual faziam parte.

A partir do caso relatado, podemos considerar que o sucesso da avaliação e da intervenção depende muito da capacidade do pedagogo de busca, envolvimento, articulação, acompanhamento e liderança, pois a educação só fará a diferença na vida de ado-

lescentes, quando os profissionais envolvidos se tornarem mais comprometidos e se contentarem apenas quando atingirem bons resultados. Um estudo de caso não pode ser simplesmente um documento para arquivo, mas exemplo vivo de práticas pedagógicas de qualidade.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: volume 2: língua portuguesa. Brasília: Ministério da Educação e da Cultura, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SOARES, Magda. **Alfabetizar e letrar**: um diálogo entre a teoria e a prática. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.